

“A Coisa Tá Preta”: Uma Análise Discursiva Acerca da Ressignificação da Expressão Idiomática no Videoclipe de Rincon Sapiência

“The Thing Is Black”: A Discursive Analysis about the Resignification of Idiom in Rincon Sapiência’s Videoclip

Thauany Ferreira Amaro*, Antonio Carlos Santana de Souza**

RESUMO: O presente artigo traz, à luz da análise do discurso materialista histórica, uma reflexão discursiva acerca do dito popular de senso comum “a coisa tá preta” e a forma como ele é ressignificado no videoclipe da música homônima do rapper Rincon Sapiência. Intuindo alcançar o objetivo proposto, foi feita uma análise utilizando como base os escritos de Eni Orlandi (2006, 2012, 2015) a fim de compreender as principais noções teóricas que ampararam este estudo discursivo. No que diz respeito à compreensão acerca do rap como gênero musical coadunamos com Fleury e Souza (2015) que retratam o gênero como exemplo de identidade cultural do povo negro. Ademais, no que tange às expressões idiomáticas, utilizamos os estudos de Urbano (2008) e, para contemplar a temática de identidade cultural, Gomes (2003).

PALAVRAS-CHAVE: Linguística; Análise do Discurso; Identidade cultural; Expressão idiomática.

ABSTRACT: This paper show, in light of analysis of historical materialist discourse, a discursive reflection about the popular saying “the thing is black” and the form how it is resignified in the music video of the same name by rapper Rincon Sapiência. To achieve the proposed objective, was made an analysis using like base the Eni Orlandi’s writings (2006; 2012; 2015) in order to comprise the main theoretical notions that supporting this discursive study. About understanding rap like musical genre, we agree with Fleury and Souza (2015) that depict the genre as an example of black people’s cultural identity. Furthermore, in reference of idiomatic expressions, we used the Urbano’s studies (2008) and, to contemplate the theme of cultural identity, Gomes (2003).

KEYWORDS: Linguistic; Discourse Analysis; Cultural Identity; idiomatic expressions.

* Mestranda em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT - Sinop), campus Jd. Imperial, Programa de pós-graduação em Letras – FAEL. E-mail: thauany.f@gmail.com

** Pós-Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Mato Grosso, docente Efetivo do Bacharelado e Licenciaturas em Letras Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul (UEMS – Campo Grande). Docente Permanente no Programa de Mestrado/Doutorado da UNEMAT/Cáceres. E-mail: acssuems@gmail.com

 10.46230/2674-8266-11-2917

Distribuído sob



INTRODUÇÃO

É comum no cotidiano o uso de expressões idiomáticas para referirem-se a situações corriqueiras. Expressões essas que são utilizadas há tanto tempo, que, por diversas vezes, nem o falante, nem o ouvinte param para refletir sobre a sua origem ou real significado.

Visando desconstruir a ideia de associação da expressão “a coisa tá preta” com situações não tão boas, desagradáveis, difíceis, entre outras ideias semelhantes cujos sentidos são depreciativos, Rincon Sapiência, *rapper* paulistano, no dia 13 de maio de 2016 – data significativa para o movimento negro, uma vez que se trata do dia em que se celebra a abolição da escravidão no Brasil –, lançou em seu canal no *youtube* o videoclipe de sua música “a coisa tá preta” com uma proposta de ressignificação da expressão idiomática que é utilizada como título.

Diante desse contexto, o presente artigo visa analisar a materialidade escrita (letra da canção) e a materialidade visual (videoclipe) buscando compreender os possíveis efeitos de sentido que ambos produzem, além de analisar, sob um viés discursivo, as noções de identidade, resistência e memória que se expressam de forma incisiva.

1 ANÁLISE DO DISCURSO: SURGIMENTO E DEFINIÇÃO

A Análise do Discurso – doravante AD – surge oficialmente nos anos de 1960 e se estrutura tendo como base os três domínios disciplinares: Marxismo, a Psicanálise e a Linguística. Do Marxismo, principalmente de filiação althusseriana, a AD herda a visão materialista da história, buscando compreender as condições de produção dos sentidos e dos discursos. Da Psicanálise, a AD herda a consideração da hipótese central daquela disciplina, ratificando que a relação do sujeito com o discurso é atravessada também por identificações inconscientes, e, sob inspiração lacaniana, é fundada na inscrição do sujeito no simbólico, no campo da linguagem. O sujeito do discurso, portanto, se constitui a partir “na sua relação com o simbólico, na história”. (ORLANDI, 2015, p. 17). A Linguística, por sua vez, contribui com a compreensão de que a língua tem uma ordem própria, “e esta afirmação é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não [...] se passa diretamente de um a outro.” (ORLANDI, 2015, p. 17), embora não autônoma em relação à história.

Assim como algumas outras disciplinas que emergem na mesma década, a AD vem para romper com os pensamentos estruturalistas que analisavam a língua por ela mesma sem levar em conta o contexto e o sujeito que falava. Dessa forma, para a AD:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2015, p. 17-18).

A AD utiliza de partes das três áreas do conhecimento supracitadas para formar algo novo e diferente das três. Há vários nomes importantes dentro da AD, mas, como fundador, é sobre Michel Pêcheux que recai o título de “pai da AD”. Além dele, nomes como Lacan, Althusser, pela influência de seus estudos sobre Pêcheux, também fazem parte da história desta disciplina.

Michel Pêcheux, nascido em 1938 e falecido 1983 é o fundador da Escola Francesa de Análise do Discurso. É dele esse título pois, ainda que as pesquisas de Jakobson e Benveniste acerca da enunciação tenham auxiliado a AD a ter essa composição que conhecemos hoje, foi por meio das inquietações científicas de Pêcheux resultando em seus estudos que alvoreceram os arcabouços teórico-metodológicos necessários para a concepção da AD.

Como já foi abordado neste trabalho, é a partir da junção entre as três áreas de conhecimento que se fez a AD. Mariani e Magalhães nos informam a este respeito afirmando que:

Para Pêcheux, apenas uma articulação teórica entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise permite compreender que, quando falamos, estamos simultaneamente afetados pelo funcionamento da ideologia e do inconsciente, ambos inscritos no funcionamento da linguagem, aqui compreendido como um sistema sujeito a falhas. (MARIANI; MAGALHÃES, 2013, p. 103).

Pêcheux enxergou que era necessário conhecimento de mais de uma área para que ele alcançasse êxito em comprovar que a ideologia se prevalecia nos dizeres do sujeito e que este não tinha plena consciência de como era assujeitado e “a partir de noções de Saussure [...] estrutura criticamente a noção de discurso que perseguiu durante toda sua vida.” (SANTOS, 2013, p. 212).

Definir uma teoria nunca é uma tarefa simples, uma vez que haverá diversas definições feitas por teóricos que, muitas vezes, divergem acerca de algum ponto. Portanto, a fim de tentar esclarecer a noção de análise do discurso que alicerça nosso estudo, buscamos trazer para este texto algumas das quais consideramos mais relevantes.

Uma delas, foi buscada no ‘Dicionário de análise do discurso’ de Charaudeau e Maingueneau publicado pela editora contexto em 2016. Os autores colocam no início verbete que “à análise do discurso podem-se atribuir definições as mais variadas: *muito amplas*, quando ela é considerada como equivalente de ‘estudo do discurso’, ou *restritivas* quando, distinguindo diversas disciplinas que tomam o discurso como objeto [...]”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 43, grifos dos autores).

Para finalizarmos esta seção, enfatizamos os escritos de Eni Orlandi, nome de extrema relevância no que diz respeito à análise do discurso no Brasil, no qual ela discorre sobre o objeto de estudo desta disciplina:

A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. [...] a análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2015, p. 13-14).

O objeto de estudo, portanto, trata-se do discurso – noção teórica que definiremos na seção seguinte.

2 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Antes de adentrarmos a noção de condições de produção, é válido esclarecer o que é considerado discurso para a análise do discurso que, de acordo com Orlandi (2015, p.19-20):

A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. [...] Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade da disposição dos elementos da comunicação [...] As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeitos de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2015, p. 19-20).

Neste trabalho, o discurso é o videoclipe, pois produz efeitos de sentido a partir da ressignificação da expressão idiomática substituindo o significado já cristalizado ao tentar construir uma nova memória referente a frase ‘*a coisa tá preta*’.

Devidamente conceituada a noção de discurso, retomaremos, a partir daqui, a busca pelo entendimento sobre as condições de produção em que esse discurso – o vídeo clipe da música “a coisa tá preta” – se apresenta.

Uma vez que a AD de linha francesa surgiu para aprofundar ainda mais as críticas que estavam sendo feitas à Linguística estruturalista e veio com a proposta de levar em consideração o sujeito e o contexto a sua volta para buscar compreender os efeitos de sentido que o seu discurso poderia causar, a noção de condições de produção é fundamental em qualquer trabalho que utilize esta corrente teórica como base.

De maneira simples e direta, as condições de produção dizem respeito ao contexto no qual o discurso foi produzido. Orlandi elucida que “elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação.” e, além disso, estão diretamente ligadas à memória, pois “a maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental [...]”. (ORLANDI, 2015, p. 28).

Nesse sentido, Orlandi (2017, p.17) conceitua condições de produção:

As condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto socio-histórico, ideológico, mais amplo. (ORLANDI, 2017, p.17)

A autora complementa, porém, escrevendo que “se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro [...]” (ORLANDI, 2017, p. 17).

Para entender melhor, tomemos como exemplo uma faixa que está pendurada, devido a um período

eleitoral, em um campus de alguma universidade com os dizeres “vote sem medo!”. Consideremos também que esta é uma faixa preta e o enunciado está escrito na cor branca. Este é o exemplo que Orlandi (2015, p. 29) usa para esclarecer que, neste caso, “o contexto imediato é o campus onde a faixa foi colocada, os sujeitos que a “assinaram” [...], o momento das eleições e o fato do texto ter sido escrito em uma faixa e não em outro suporte material qualquer.”. Já o sentido amplo vem a ser a parte que emprega sentidos maiores, para além do contexto imediato: “entra a história, a produção de acontecimentos que significam na maneira como cores como o negro está relacionado ao fascismo, à direita, e o vermelho ao comunismo, à esquerda, segundo um imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas”. (ORLANDI, 2015, p. 29).

Tudo isso só faz sentido porque os sujeitos têm uma memória sobre essas cores e sobre as questões políticas que estão ligadas a elas e condições de produção e memória andam juntas pois o avivamento de uma memória faz com que determinada situação faça sentido da maneira que faz para cada sujeito.

Enfim, não há sujeito produzindo enunciado sem o funcionamento de uma memória, Parafraçando os escritos de Eni Orlandi (2015), para falarmos recorremos a muitas redes de sentidos, mas fazemos isso de maneira inconsciente, já que, as minhas falas só fazem sentido agora porque, muito antes das minhas, elas já fizeram sentido. E, para que isso seja possível, foi necessário que alguém específico tenha falado e, num dado momento, a autoria dessa fala tenha se perdido na memória para que eu passasse a considerar aquela fala como minha.

1.1 O CANTOR E O GÊNERO MUSICAL COMO CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO

Rincon sapiência é um rapper paulistano que costuma trazer em suas músicas temas referentes ao povo negro e suas lutas de enfrentamento e resistência ao racismo que ainda persiste em um país que teve pessoas escravizadas por mais de 300 anos. Rincon, também conhecido como Manicongo, é autor de músicas como ‘Elegância’ – *hit* que lhe deu maior visibilidade no mercado da música – ‘Ponta de lança’, ‘transporte público’ entre outras músicas que, apesar de trazerem ritmo descontraído, também trazem críticas, característica comum quando se fala de *rap*.

Nesse ponto, para maior esclarecimento sobre o gênero musical *rap*, acrescenta-se o excerto de um artigo de Fleury e Souza (2012) no qual as autoras abordam a questão da identidade cultural na música negra utilizando o gênero como exemplo, tratando, também, da origem e conceito de *rap*.

Ao final dos anos 1960, mesmo com a conquista de alguns direitos civis, a população negra dos Estados Unidos ainda era considerada uma subclasse. A segregação se estendeu aos imigrantes latinos com suas peles de cor morena. Vindos de países como a Jamaica, Porto Rico e México em busca de oportunidades, esses grupos acabaram empurrados para os guetos que abrigavam os afro-descendentes. É em meio a essa mistura de descendentes de escravos africanos e imigrantes latinos que surge o rap.

Enquanto a *soul music* cantava o orgulho negro, o rap surgia no Bronx como mais uma expressão musical afrodescendente. O termo é uma abreviação da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). Até onde foi possível verificar, as idéias musicais que deram origem ao rap começaram a surgir no final da década de 1960, quando o jamaicano Kool Herc migrou para os Estados Unidos e, como a maioria dos afro-descendentes naquele país, foi morar em um gueto. (FLEURY; SOUZA, 2012.)

Como pode ser compreendido, o *rap* é uma das formas que a comunidade negra encontrou para se auto afirmar enquanto negros e faz parte de um processo de identificação. Diante disso, prosseguiremos na observação das condições de produção em que esse discurso se apresenta.

O videoclipe foi lançado, não por acaso, no dia 13 de maio de 2016 no canal oficial do cantor no *youtube*¹, que é um site no qual seus usuários podem criar uma conta para publicar vídeos no próprio canal, que ficam disponíveis para acesso de qualquer pessoa, esteja ela cadastrada no site ou não, que pode, além de assistir, fazer comentários, compartilhar, curtir ou “descurtir” um vídeo.

O videoclipe produzido pela ‘Boia Fria Produções’ juntamente com a ‘Porqueeu Filmes’ tem mais de duas milhões visualizações no *youtube* e, em sua descrição, explica que ‘A coisa tá preta’ foi o primeiro single lançado do álbum de estreia do cantor chamado ‘Galanga Livre’ no qual prevalece a imersão e envolvimento de Rincon na música africana.

Em entrevista para o *site* *noisey*, o *rapper* disse que a ideia da música era exatamente a de desfazer a expressão, que ele diz ser racista, em uma coisa boa que sirva para levantar a autoestima do povo negro que sempre foi tão carente de referências positivas. “Quis fazer um contraponto e transformar ‘a coisa tá preta’, uma expressão racista usada geralmente pra descrever coisas ruins, em uma coisa boa, pra elevar a autoestima do povo negro”. (EQUIPE NOISEY, 2016).

1.2 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, INTERDISCURSO E SUA RELAÇÃO INTRÍNSECA

Quando nos referimos à memória na Análise do Discurso, não se trata de memória de arquivo, no sentido institucional, “que fica disponível, arquivada em nossas instituições e da qual não esquecemos.” (ORLANDI, 2017, p. 25). Refere-se, porém, a uma memória discursiva que, de acordo com Orlandi (2017, p. 24), “é trabalhada pela noção de interdiscurso: ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’”. Trata-se do que chamamos saber discursivo. É o já dito que constitui todo dizer.”. Cabe acrescentar ainda que “o interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquele que preside todo dizer.”. (ORLANDI, 2017, p. 20).

Antes de relacionar expressões idiomáticas e interdiscurso é necessário compreender do que estamos falando e, para isso, utilizaremos o conceito colocado por Urbano (2008, p. 41) para tais.

Expressão idiomática é uma expressão, cujo significado não é transparente e cujas palavras componentes não se somam para compor seu sentido global, como é o caso de bater as botas, gato pingado ou descascar um abacaxi, significando, respectivamente, “morrer”, “pessoa sem importância” e “resolver um problema”. (URBANO, 2008, p. 41)

Devidamente conceituada, pode-se afirmar que expressões idiomáticas e interdiscurso têm uma relação intrínseca, uma vez que, conforme Luiz Costa Pereira Junior (*apud* URBANO, 2008, p. 41-42, grifo nosso)

As expressões idiomáticas são fórmulas coletivas porque são portadoras de vivências muitas vezes

1 O *youtube*, de acordo com Jean Burgess e Joshua Green (2009, p. 17), foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim e lançado em 2005.

imemoriais de uma coletividade. É uma forma de acesso à história do pensamento de um país, pois não são traduzíveis para outros idiomas. Diferentes dos provérbios, cuja intenção é didática e moralizante, os idiotismos escapam ao interesse de ensinar condutas. Assim como os provérbios, expressões são frases feitas que se tornam tradicionais, mas diferentes deles, não lhes é atribuída autoridade ou ares de sabedoria antiga. [...] Expressões idiomáticas podem ser dúbias e jocosas (como “molhar o biscoito” e “queimar a rosca”) diretas e coloquiais (pau na máquina), verbais ou substantivas (acerta na mosca, mala sem alça), mas sempre metafóricas [...] sua propriedade lexical é a atemporalidade. (apud URBANO, 2008, p. 41-42, com grifo nosso)

Incorporando a teoria ao nosso objeto de análise, o ‘já-dito’, nesse caso, é o sentido cristalizado da expressão ‘a coisa tá preta’ que tem significados que precedem seus usuários cotidianos ao passo em que não há como mensurar com certeza sua origem.

Contribuindo com a compreensão acerca das expressões idiomáticas, Monteiro-Plantin (2014, p. 70) afirma que

Nessa categoria, encontram-se os fraseologismos prototípicos, sendo os primeiros evocados, quando se pede um exemplo de UF [Unidade Fraseológica] e sobre os quais se desenvolveram a maior parte das pesquisas com estudos fraseológicos em língua portuguesa, no Brasil, ou por brasileiros, notadamente dedicados ao ensino de línguas estrangeiras e/ou ao contraste entre diferentes línguas. (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 70)

A autora acrescenta ainda uma definição de Xarata (1998, p.18 apud MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 70) na qual ela aborda a questão cultural imbricado em tais expressões uma vez que “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

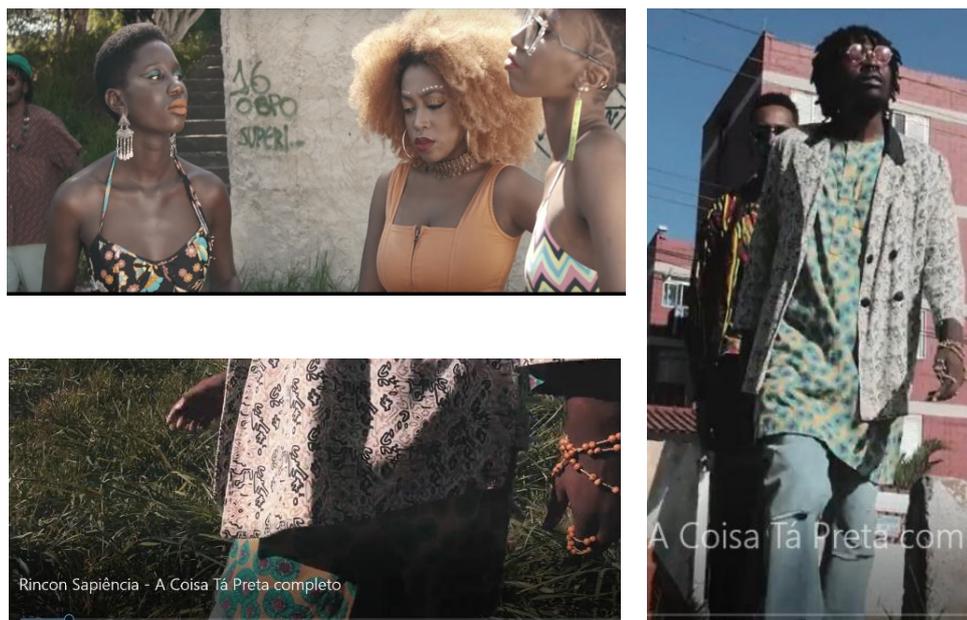
No dicionário de expressões idiomáticas *on-line* da UNESP elaborado por Claudia Xarata é possível encontrar algumas definições para essa expressão: “a coisa está feia para: a situação está ruim, desfavorável [alusão a algo ou alguém de aparência desagradável para indicar situação difícil]”. Tendo como sinônimos: ‘a coisa está ruça’ e ‘o mar não está para peixe’.

Além das questões relacionadas à expressão propriamente dita, há também uma problemática em relação a cor preta que, com poucas exceções, via de regra é retratada como uma cor que está ligada a sentidos pejorativos no imaginário coletivo. Cor esta que é defendida na letra da música por se tratar da cor que é utilizada para definir a pele de pessoas da raça negra trazida nos primeiros versos da música “**Ei, pela minha raça não tem amor/Lava a boca pra falar da minha cor**”.

2 ANÁLISE DISCURSIVA DO VIDEOCLÍPE

O videoclipe inicia focando em partes da vestimenta do cantor que, assim como os outros participantes, está vestido com roupas e acessórios que remetem à cultura africana, igualmente os penteados, maquiagens e danças.

Figura 1 – Imagens iniciais do videoclipe



Fonte: Rincon Sapiência - A Coisa Tá Preta. 13 maio 2016. *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F5TTvHoLxEA>>. Acesso em: 01 out. 2018.

Em **“Nunca age, nunca fala/Que a melanina vira bengala/Só porque fugimos da senzala/Querem dizer que nóiz é mó mala”** podemos relacionar o enunciado com o conceito de formação imaginária uma vez que esta é trazida nos versos da música quando é suposto que, devido ao fato de terem seus antepassados escravizados e fugidos da senzala, há pessoas que utilizam dessa questão histórica para **“dizer que noiz é mó mala”**.

“Abre alas, tamó passando/Polícia no pé, tão embaçando”. Neste enunciado os efeitos de sentido que sobressaem estão relacionados historicamente a questão de que, pessoas negras e moradoras da periferia são, costumeiramente, mais abordadas pela polícia por serem consideradas ‘suspeito-padrão’.

A música também aborda questões sobre o uso dos cabelos crespos naturais e do uso de acessórios comuns aos costumes africanos como uma forma de se armar, de ter poder, empoderar-se tendo orgulho, mas não qualquer orgulho, orgulho preto. **“Orgulho preto, manas e manos/Garfo no crespo, tamó se armando/De turbante ou bombeta”**.

O refrão da música é repedido diversas vezes, com uma colocação que vai desassociando a expressão do seu sentido pejorativo e reconstruindo o novo sentido que se quer dar a ela. **“Essa batida faz um bem, diz da onde vem/Corpo não para de mexer dá até calor/É vitamina pra alma, melanina tem/E todos querem degustar desse bom sabor. Vamo, vamo, vamo/Sem corpo mole, mole, mole/Tamó no corre, corre, corre/A coisa tá preta, preta”**. Nesta parte do enunciado, com as batidas que “têm influências da negritude” como o próprio texto publicado na descrição do vídeo diz, a canção diz que a batida, além de fazer bem ao corpo, igualmente o faz para alma, pois tem melanina.

Dando seguimento a análise, destaca-se uma estrofe da letra na qual se faz referência a escravatura

quando cita os ancestrais que estiveram no tronco – uma das formas de castigar as pessoas que foram escravizadas era deixá-los presos a um tronco e, concomitante a isso, açoitá-los. **“Ritmo tribal no baile nóis ginga/Cada ancestral no tronco nóis vinga”**.

Em **“Cada preto se sente Zumbi/E cada preta se sente a Nzinga”** são citadas duas figuras de extrema relevância quando se fala em resistência à escravatura. Nzinga Mbandi Ngola, foi rainha de Matamba e Angola e representa resistência à ocupação do território africano pelos portugueses que lá aportaram para o tráfico de escravos. Da mesma forma Zumbi dos Palmares, porém, em solo brasileiro, também é lembrado como sinônimo de não rendimento aos portugueses que tentaram o escravizar. Sobre os dois, Carlos m. H. Serrano (1996, p. 138) escreveu que “ambos parecem compartilhar de um tempo e de um espaço comum de resistência: o quilombo.”

Prosseguindo, a canção também toca no ponto de miscigenação que tanto há no Brasil, quando afirma que, apesar da mistura, a essência se manter preservada. Essência esta que, conforme cantado, não é de escravos, voltando um pouco mais na história, é abordado os reis, ressignificando assim a ideia de que afrodescendentes descendem de escravos, a música diz, pelo contrário, sangue de rei. **“Misturou, mas a essência fica/Açúcar mascavo adocica/Sangue de escravo não, pulei/Vou um pouco mais longe, sangue de rei/Na onda do stereo história, prolongo/Não rola mistério, sou Manicongo”**.

A organização geral da canção não foi ao acaso e é de suma relevância para o objetivo de ressignificar a expressão idiomática. Antes das duas primeiras vezes em que é cantado o refrão da música, são ditas duas frases que podem conduzir a interpretação de quem ouve a música quando chega ao final.

Na primeira **“Óia a coisa tá ficando preta”** e na segunda **“A coisa tá preta, ó que legal”**. A música ocorre como um texto, que tem sua introdução, desenvolvimento e conclusão e esses versos marcam essas etapas que precedem o refrão. De modo geral, na primeira parte da música inicia-se uma desconstrução que começa falando a partir dos preconceitos dos tempos atuais, do empoderamento do povo negro por meio da estética e da imagem (formação imaginária) que se tem desse povo. Já na segunda parte, após o refrão, é trazido questões mais antigas, que exaltam a resistência e enfrentamento citando Zumbi e Nzinga e, só então, depois de resgatar os valores positivos anteriores à escravatura, é que é dito **“A coisa tá preta, ó que legal”**.

A letra da música no videoclipe de manicongo caminha para chegar a última parte da canção que, em um ritmo mais lento, com pessoas negras de diversas maneiras – de pessoas com a pele mais clara às de pele retinta, de homens às mulheres, de cabelos crespos e volumosos a cabelos curtos, lisos, trançados, com dreads, pretos e coloridos – dá o novo significado a “a coisa tá preta”: **“Se eu te falar que a coisa tá preta/A coisa tá boa, pode acreditar/Seu preconceito vai arrumar treta/Sai dessa garoa que é pra não moiá.”**

Figura 2 – Imagem final do videoclipe.



Fonte: Rincon Sapiência - A Coisa Tá Preta. 13 maio 2016. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5TTvHoLxEA>. Acesso em: 01 out. 2018.

Para finalizar, é importante analisar o videoclipe de uma maneira ampla. Ao olhar de forma geral, além da letra da canção, o que sobressaiu foi o fato de os participantes estarem vestidos e utilizarem indumentários que remetem à cultura africana. Sobre isso, Gomes (2003, p. 2) em seu artigo sobre o corpo e o cabelo como símbolos de identidade negra contribui com este trabalho ao escrever que:

Ao falarmos sobre corpo e cabelo, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. [...] . Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (GOMES, 2003, p. 2)

Levando em consideração a escrita da autora Gomes destacada acima e a imagem retirada do vídeo, não só a música ressignifica a expressão idiomática que, antes era ligada a uma coisa ruim, e depois, no decorrer do videoclipe, assume uma postura positiva e acrescenta o ponto do videoclipe querer dar ênfase à questão da identidade negra. Também as imagens o fazem. A forma como as pessoas presente no videoclipe estão vestidas, maquiadas, a maneira que os cabelos estão arrumados, a dança etc. tudo valida essa ressignificação.

EFEITO DE FECHO

Nesse trabalho, que visava primordialmente verificar como havia sido feito o processo de ressignificação da expressão idiomática ‘a coisa tá preta’ no videoclipe do *rap*, que usa a mesma expressão como título, de Rincon Sapiência, publicado no *YouTube*, foi feita a análise discursiva à luz da teoria de análise do discurso materialista histórica.

Com relação às condições de produção, em um sentido mais amplo (*lato sensu*), pode-se dizer que o vídeo clipe, atendendo às intenções de seus produtores: desestabiliza uma memória, já cristalizada na mente

da sociedade em tempos imemoriais, quando se propõe a ressignificar a expressão que, costumeiramente, está atrelada a situações ruins.

Frente a essas colocações, considerando as condições de produção em que esse discurso foi produzido, o vídeo clipe mexe na construção dessa memória referente à expressão que dá título à música.

O videoclipe todo se apresenta como um discurso de resistência ao pré-construído, para desestabilizar a construção de uma memória quando se propôs a dar um novo significado a uma expressão popular que, historicamente, já o tem.

REFERÊNCIAS

ALESSI, G. “Batemos tambores, eles panelas”: Rincon Sapiência quer matar o senhor de engenho e ainda te fazer dançar. *EL PAÍS*, 12 jun. 2017, *web*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/09/cultura/1497019648_117546.html>. Acesso em: 29 out. 2018.

BURGESS, J. *You Tube e a Revolução Digital*: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EQUIPE NOISEY. A coisa tá preta no novo clipe do Rincon Sapiência. *NOISEY*, 13 maio 2016, *web*. Disponível em: <https://noisey.vice.com/pt_br/article/rbnqez/rincon-sapiencia-a-coisa-ta-preta-clipe>. Acesso em: 25 out. 2018.

FLEURY, M. C.; SOUZA. Identidade Cultural na Música Negra: o exemplo do soul e do rap. In: III Congresso Internacional do Curso de História da UFG/Jataí: História e Diversidade Cultural, 2012, Jataí. *Anais*. Jataí: UFG, 2012. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(75\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(75).pdf)>. Acesso em: 16 out. 2018.

GOMES, N. L. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 2003.

MARIANI, B.; MAGALHÃES, B. Lacan. In: OLIVEIRA, L. A. *Estudos discursivos: perspectivas teóricas*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Cap. 4, p. 101-122.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. . *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. v. 1. 309p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10310/1/2014_liv_rsmplantin.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ORLANDI, E. de L. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli ; LAGAZZI, S.M (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2006. p. 16-35.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.P.; LAGAZZIRODRIGUES, S. (Orgs.).

Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2017.

A COISA TÁ PRETA. Compositor: Rincon Sapiência; Direção: Luis Rodrigues; Rincon Sapiência. Produção: Porqueeu Filmes. 13 maio 2016. 4:17 min. *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F5TTvHoLxEA>>. Acesso em: 01 out. 2018.

SANTOS, S. S. B. Pêcheux. In: OLIVEIRA, L. A. *Estudos discursivos*: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Cap. 8, p. 209-234.

SERRANO, C. Ginga, a rainha quilombola de Matamba e Angola. *Revista USP*, n. 28, p. 136-141, 01 mar. 1996.

URBANO, H. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. *Investigações*, Pernambuco, v. 21, n. 2. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1417>>. Acesso em: 20 out. 2018.

XATARA, Claudia. *Dicionário de expressões idiomáticas. web*, 2013. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/busca.php>>. Acesso em: 26 out. 2018.